

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

18 Nov 2017
18:00 Sala Suggia

Baldur Brönnimann *direcção musical*

Anssi Karttunen *violoncelo*



1ª PARTE

Pascal Dusapin

Outscape, para violoncelo e orquestra (2016; c.28min)

(estreia em Portugal; encomenda Casa da Música, Chicago Symphony Orchestra, Stuttgart Opera Orchestra, Opéra de Paris, BBC Symphony Orchestra)



2ª PARTE

Jean Sibelius

Sinfonia n.º 2 em Ré maior, op. 43 (1902; c.45min)

1. *Alegretto*
2. *Tempo andante, ma rubato*
3. *Vivacissimo* –
4. *Finale: Allegro moderato*

Cibermúsica, 17:15

Palestra pré-concerto por **Rui Pereira**



casa da música



Maestro Baldur Brönnimann
sobre o programa

<https://vimeo.com/242776697>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Pascal Dusapin

NANCY, 29 DE MAIO DE 1955

***Outscape*, para violoncelo e orquestra**

Outscape é a minha segunda partitura para violoncelo e orquestra. A primeira foi escrita em 1996 e chamava-se *Celo* – “manter um segredo”, em latim. Mesmo tendo passado já todos estes anos, eu sabia que um dia encontraria novamente um concerto para esse instrumento. Foi então que surgiu esta encomenda para Alisa Weilerstein, inicialmente proposta pela Orquestra Sinfónica de Chicago. Deslumbrei-me com o som e o fraseado de Alisa e com a incrível facilidade que tem em abordar os repertórios mais variados (de Elliott Carter a Edward Elgar passando por Haydn!). Imediatamente senti que uma nova composição poderia inspirar-se nessa energia musical magnífica e livre. Juntar tal artista a uma orquestra tão imponente como a CSO é um desafio extremamente raro para um compositor.

Mas é muito difícil, para mim, explicar a obra porque a substância do pensamento confunde-se com o fluir da música. Compor é criar uma coisa viva. A música ganha ela própria vida, desenha a força da sua regeneração a partir do seu próprio dinamismo; inventa o seu próprio futuro, as condições da sua forma e as emoções que produz. Em última análise, algo ficou dito.

O título transporta em si mesmo o projecto musical. *Outscape* é uma palavra inglesa bastante invulgar (pelo menos para um falante de francês); é uma palavra rica que tem uma grande variedade de significados, do mais comum ao mais filosófico. *Outscape* é o itinerário, ou a oportunidade para escapar, para inventar o seu próprio caminho. Eu adorei esta palavra, fundamentalmente porque é como um

sumário da história da minha obra: fugir para outro lugar com o objectivo de compreender e averiguar, e tentar ver e ouvir mais longe.

Este concerto é, assim, inventado por si próprio, ao deambular incessantemente para trás e para diante entre o violoncelo “que se torna uma orquestra” e a orquestra “que se torna um violoncelo”. Toda e qualquer força musical pretende dirigir-se à outra, fundir-se com a “alteridade”, conhecer e transformar-se nessas diferenças, fugir, regressar, e gerar um renovado futuro musical. Em *Outscape*, nunca senti estar a colocar o solista e a orquestra em oposição; ao invés, conduzo-os um em direcção ao outro.

No início de *Outscape*, tudo parece simples: o violoncelo toca uma nota grave, um dó sustentado. O clarinete baixo toca imediatamente a mesma nota: um eco, a sombra da nota. Imitando-se um ao outro à vez, o violoncelo e o clarinete baixo – seguidos por toda a orquestra – aprenderão a cantar e a descobrir em conjunto, a imaginar múltiplas formas de escapar e a inventar juntos outra “natureza”...

Dedico *Outscape* a Bill Brown, pelo seu maravilhoso apoio e amizade.

PASCAL DUSAPIN, 2016

Tradução: Fernando P. Lima

Jean Sibelius

TAVASTEHEUS, 8 DE DEZEMBRO DE 1865

JÄRVENPÄÄ, 20 DE SETEMBRO DE 1957

Sinfonia n.º 2 em Ré maior, op. 43

Jean Sibelius nasceu em Tavastehus, Finlândia, no ano de 1865 – o mesmo em que Anton Bruckner (1824-1896) e Dvořák (1841-1904) escreveram ambos as suas primeiras sinfonias, o mesmo em que foi dado a conhecer ao mundo *Tristão e Isolda*, de Wagner (1813-1883). Alguns poderiam ver nestes factos a premonição de uma grande carreira como compositor. Na verdade, terão sido acontecimentos marcantes na vida de Sibelius, mas apenas na medida em que a sua juventude e formação enquanto músico se desenrolou sob a influência do mais apurado Romantismo. Durante o período que correspondeu à sua juventude, foram estreadas outras obras fundamentais desse movimento e, muito particularmente, peças associadas aos diferentes nacionalismos que proliferaram em toda a Europa.

Oriundo de um país periférico nas rotas culturais do Velho Continente e que apenas prestou atenção à música a partir da segunda metade do século XIX, o que comparativamente com os seus países vizinhos, Suécia e Noruega, foi muito tardiamente, Sibelius cresceu num cenário desfasado dos seus contemporâneos. A primeira companhia de ópera finlandesa data de 1873, e a primeira associação que permitiu o acesso dos jovens à educação e à cultura foi fundada um ano mais tarde. Sibelius foi, pois, um filho dessa geração. Se, por um lado, o atraso cultural do país em que vivia o terá prejudicado, por outro, o interesse dos governantes finlandeses em recuperar o tempo perdido terá representado um grande benefí-

cio. Na verdade, após concluir os estudos em Helsínquia, Sibelius pôde estudar nas melhores escolas de Berlim e Viena. No seu regresso à pátria, afirmou-se como o compositor mais proeminente da Finlândia, representante de uma jovem escola de composição marcadamente influenciada pelas correntes nacionalistas. Numa altura em que o seu país vivia sob a opressão do invasor russo, a sua música ganhou o estatuto de estandarte da alma finlandesa, razão pela qual Sibelius recebeu mesmo uma pensão vitalícia para poder compor livremente e não estar sujeito a pressões que afectariam a paz de espírito necessária ao bom desempenho do seu processo criativo.

Da sua formação como herdeiro do melhor romantismo musical e deste isolamento geográfico resultaram traços característicos na sua música que o tornaram alvo das mais variadas críticas. Para a quase totalidade dos seus biógrafos ele foi o “génio solitário”; para compositores da vanguarda musical europeia, como René Leibowitz, foi “o pior compositor do mundo”. Uma coisa é certa: a sua música provoca todo este tipo de reacções apaixonadas, para o bem e para o mal, e, pela sua capacidade de comunicação com o público e pelas brilhantes orquestrações, não deixa ninguém indiferente.

A *Segunda Sinfonia* foi maioritariamente escrita em 1901 durante uma estadia do compositor em Itália, em Rapallo, e estreada em Helsínquia a 8 de Março de 1902. Este tipo de viagens que Sibelius executava frequentemente adaptavam-se ao seu estilo de vida solitário, de um homem que gostava de se rodear das coisas bonitas da vida, de bons vinhos e charutos, e de observar as mais belas paisagens. No entanto, e apesar de ter sido escrita em Itália, a sinfonia tornou-se desde a sua primeira audição

pública um verdadeiro símbolo do nacionalismo finlandês – a par da *Primeira Sinfonia* e do poema sinfónico *Finlândia*. A esse respeito, cabe dizer que Sibelius havia casado em 1892 com Aino Järnefelt, a filha de uma das mais proeminentes famílias finlandesas que defendiam a libertação e a independência do país. Na última década do século XIX, o Czar Nicolau II havia decretado o chamado “Manifesto de Fevereiro”, que retirava os direitos constitucionais aos cidadãos finlandeses e lhes impunha leis muito estritas. Neste contexto, as suas composições tornaram-no uma espécie de Dvořák ameaçando a soberania alemã, ou um Chopin afirmando a alma polaca.

O primeiro andamento, sobre o qual muitas opiniões diversas se escreveram, é uma forma-sonata que espanta o ouvinte pela sua aparente fragmentação. Esta decorre do seu início, onde sobre um acompanhamento de carácter rítmico nas cordas se desenvolvem pequenos fragmentos de carácter pastoral nas madeiras. Num idioma muito romântico, Sibelius surpreendeu por fazer um desenvolvimento assente no princípio de síntese temática, e nesse aspecto contraria a opinião generalizada de se tratar de um compositor retrógrado. A diferenciação rítmica é, igualmente, muito importante para a mudança de humores ao longo da sinfonia.

O segundo andamento apresenta a tonalidade de Ré no seu modo menor. O esquema do acompanhamento nas cordas com a melodia nas madeiras repete-se aqui, mas com pizzicatos e um belo solo de fagote num tom bem mais toldado, que irá contrastar com uma secção em Fá susenido maior.

Segue-se o característico *Scherzo* dos terceiros andamentos, aqui numa espécie de perpétuo ritmo de subdivisão ternária e que apenas parece fragmentado pelas mudanças

de tessitura próprias da orquestração. Com o aumento da densidade da textura, o andamento atinge momentos verdadeiramente grandiosos e que contrastam com a simplicidade pastoral dos trios onde a proeminência é dada ao oboé.

O quarto andamento tem início sem interrupção e, talvez por isso, com um clímax imediato, quase majestoso. Todo o lirismo que Sibelius era exímio a atribuir às cordas (ele próprio era um grande violinista) é aqui magistralmente representado. É um longo andamento que ultrapassa os 16 minutos e onde persistem quatro temas e os seus motivos secundários assentes em claras diferenças de orquestração. Nele se percebe porque Cecil Gray considerou Sibelius o “maior sinfonista depois de Beethoven”, um compositor que para além de inspirado era um conhecedor profundo do *métier* composicional.

RUI PEREIRA, 2005

Baldur Brönnimann *direcção musical*

Baldur Brönnimann é considerado um dos melhores maestros de música contemporânea em todo o mundo. Desenvolveu estreitas colaborações com compositores de topo tais como John Adams, Saariaho, Birtwistle, Chin, Lachenmann, Lindberg, Haas e outros, e dirigiu obras importantes de Ligeti, Romitelli, Boulez, Vivier e Zimmermann, destacando-se actuações recentes nos BBC Proms e na Konzerhaus de Viena. Maestro de grande versatilidade com uma abordagem aberta à programação e à interpretação musical, divide o seu tempo entre as salas de concerto e os teatros de ópera, e sempre que possível procura actividades de âmbito educativo e comunitário. É Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta.

Na temporada de 2017/18, Brönnimann estreia-se no Lincoln Center em Nova Iorque para dirigir *Dark Mirror* de Zender, uma recriação da *Viagem de Inverno* de Schubert com Ian Bostridge, no Mostly Mozart Festival; e em concertos da temporada da Sinfónica de Oregon. Na Europa, apresenta-se pela primeira vez com a Sinfónica da Rádio de Frankfurt no Festival de Darmstadt; a Sinfónica WDR num programa que celebra o 100º aniversário do nascimento de Zimmermann; a Sinfónica Nacional da Estónia e a Orquestra Nacional de Lyon. Alguns dos momentos altos das temporadas anteriores foram projectos com as Filarmónicas de Oslo, Estocolmo, Estrasburgo e Bergen, a Philharmonia Orchestra e as Sinfónicas da BBC e de Seul, entre outras. Mais recentemente, estreou-se à frente da Sinfónica da Rádio de Viena, da Sinfónica Nacional Dinamarquesa e das Orquestras de Câmara Aurora

e de Munique. Colabora regularmente com o Klangforum Wien, em Viena e em digressão.

No domínio da ópera, Brönnimann dirigiu *Le Grand Macabre* de Ligeti na English National Opera, na Komische Oper de Berlim e no Teatro Colón (Argentina), em produções de La Fura dels Baus e Barrie Kosky; *Death of Klinghoffer* de John Adams na English National Opera; *L'Amour de Loin* de Saariaho na Ópera Norueguesa e no Festival de Bergen; e *Index of Metals* de Romitelli com Barbara Hannigan no Theater an der Wien. No Teatro Colón, dirigiu também *Erwartung* de Schoenberg, *Hagith* de Szymanowski e *The Little Match Girl* de Lachenmann com o compositor no papel de narrador.

Enquanto Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta, Baldur Brönnimann continua a dirigir programas onde combina de uma forma inesperada obras contemporâneas e desconhecidas com o repertório corrente. Entre 2011 e 2015, foi Director Artístico do principal ensemble norueguês de música contemporânea, BIT20. Foi Director Musical da Orquestra Sinfónica Nacional da Colômbia em Bogotá entre 2008 e 2012.

Natural da Suíça, Baldur Brönnimann estudou na Academia de Música da Basileia e no Royal Northern College of Music em Manchester, onde foi posteriormente nomeado Professor Convidado de Direcção de Orquestra. Actualmente vive em Madrid.

Anssi Karttunen *violoncelo*

Anssi Karttunen tem-se mantido na vanguarda da interpretação da música clássica, sendo um dos violoncelistas mais inovadores do mundo. Começou a estudar violoncelo com 4 anos na Finlândia, um solo fértil para músicos e música, construindo mais tarde uma reputação mundial como solista e instrumentista de música de câmara. O seu repertório traduz um olhar renovado sobre obras de compositores célebres, não esquecendo as peças menos conhecidas do grande público e as suas transcrições originais. Toca violoncelo moderno, clássico, barroco e piccolo.

É um apoiante entusiasta da música contemporânea e interpretou mais de 160 obras em estreia mundial, colaborando com compositores como Magnus Lindberg, Kaija Saariaho, Rolf Wallin, Luca Francesconi e Tan Dun. Foram-lhe dedicados 29 concertos. Estreou os Concertos n.ºs 1 e 2 para violoncelo de Lindberg, com a Orquestra de Paris (1999) e com a Filarmónica de Los Angeles, *Mania* de Esa-Pekka Salonen com a Avanti! (2000), o Concerto para violoncelo de Martin Matalon com a Orquestra Nacional de França (2001) e *Rest* de Luca Francesconi com a RAI Torino (2004). Kaija Saariaho escreveu a obra *Notes on Light* para Karttunen. Tem agendadas estreias de obras de Denis Cohen, Pascal Dusapin, Jérôme Combier, Betsy Jolas, Oliver Knussen, Fred Lerdahl, Magnus Lindberg, Thierry Pécou e Sean Shepherd, bem como um projecto especial com John Paul Jones dos lendários Led Zeppelin.

Anssi Karttunen tem tocado com as principais orquestras mundiais e apresenta-se regularmente como solista e em música de câmara nos festivais mais importantes da Europa. O seu Zebra Trio, com o violinista Ernst Kova-

cic e o violetista Steven Dann, apresenta-se nos dois lados do Atlântico. Colabora também com o pianista Nicolas Hodges e a coreógrafa Diana Theodoridis.

A discografia de Anssi Karttunen atravessa um vasto espectro musical, incluindo a integral para violoncelo e piano de Beethoven em instrumentos de época, peças a solo do século XX e concertos para violoncelo com a London Sinfonietta e a Filarmónica de Los Angeles dirigida por Esa-Pekka Salonen. Gravou concertos de Lindberg, Saariaho e Salonen (Sony Classical) e um DVD com *The Map* de Tan Dun, para violoncelo, vídeo e orquestra (Deutsche Grammophon). Dois discos de Karttunen foram nomeados para o Gramophone Award em 2013: música de câmara de Lindberg (com o compositor e o clarinetista Kari Kriikku; Ondine) e *Tout un monde lointain* de Henri Dutilleux (com a Filarmónica da Radio France e Esa-Pekka Salonen; Deutsche Grammophon), este escolhido como Melhor Gravação de Música Contemporânea. Entre as gravações recentes incluem-se transcrições suas de Bach e Telemann; Quinteto de Cordas de Brahms (Toccat Classics); e dois CD de tango (Petals and Albany).

Nascido em 1960, Anssi Karttunen estudou com Erkki Rautio, William Pleeth, Jacqueline du Pré e Tibor de Machula, entre outros. Foi violoncelo principal da London Sinfonietta (1999-2005), director artístico da Orquestra de Câmara Avanti! (1994-1998) e também director artístico do Festival de Suvisoitto em Porvoo (Finlândia, 1994-1998), da Bienal de Helsínquia (1995 e 1997) e do Festival Musica Nova Helsínquia em 2015.

Começou a leccionar na École Normale de Musique em Paris no Outono de 2014. Toca num violoncelo construído por Francesco Ruggeri.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis e Heinz Holliger, a que se junta em 2017 o compositor britânico Harrison Birtwistle.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Vallado-

lid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2017, a Orquestra apresenta a integral das Sinfonias de Brahms e obras-chave como o *Requiem* de Mozart, *War Requiem* de Britten, *Earth Dances* de Harrison Birtwistle e *Via Sacra* de James Dillon, além das estreias nacionais de encomendas da Casa da Música a Magnus Lindberg e Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Christian Scholl*
Radu Ungureanu
Maria Kagan
Evandra Gonçalves
Vladimir Grinman
Vadim Feldblioum
Tünde Hadadi
Ianina Khmelik
Roumiana Badeva
Andras Burai
Emília Vanguelova
José Despujols
Alan Guimarães
Diogo Coelho*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Pedro Rocha
José Paulo Jesus
Lilit Davtyan
Francisco Pereira de Sousa
Domingos Lopes
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Vítor Teixeira
José Sentieiro

Viola

Mateusz Stasto
Joana Pereira
Anna Gonera
Jean Loup Lecomte
Luís Norberto Silva
Rute Azevedo
Theo Ellegiers
Emília Alves
Francisco Moreira
Hazel Veitch

Violoncelo

Nikolay Gimaletdinov
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Sharon Kinder
Gisela Neves
Bruno Cardoso
Aaron Choi
Hrant Yeranosyan

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Nelson Fernandes*
Samuel Abreu*

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók
Roberto Henriques*

Clarinete

Luís Silva
João Moreira*
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Luís Duarte Moreira*
Bohdan Sebestik
Eddy Tauber
Hugo Carneiro

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Bruno Costa

Percussão

Paulo Oliveira
Nuno Simões

*instrumentistas convidados

FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA

CONSELHO DE FUNDADORES

Presidente

LUÍS VALENTE DE OLIVEIRA

Vice-Presidentes

JOÃO NUNO MACEDO SILVA

JOSÉ ANTÓNIO TEIXEIRA

ESTADO PORTUGUÊS

MUNICÍPIO DO PORTO

GRANDE ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

AÇA GROUP

AGEAS PORTUGAL

ÁGUAS DO PORTO

AMORIM INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SGPS, S. A.

APDL - ADMINISTRAÇÃO DOS PORTOS DO DOURO, LEIXÕES E VIANA DO CASTELO, S.A.

ARSOPI - INDÚSTRIAS METALÚRGICAS ARLINDO S. PINHO, S. A.

AUTO - SUECO, LDA.

BA VIDRO, S. A.

BANCO BPI, S. A.

BANCO CARREGOSA

BANCO COMERCIAL PORTUGUÊS, S. A.

BANCO SANTANDER TOTTA, S. A.

BIAL - SGPS S. A.

CAIXA ECONÓMICA MONTEPIO GERAL

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CEREALIS, SGPS, S. A.

CHAMARTIN IMOBILIÁRIA, SGPS, S. A.

CIN, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS ALLIANZ PORTUGAL, S. A.

COMPANHIA DE SEGUROS TRANQUILIDADE, S. A.

CONTINENTAL MABOR - INDÚSTRIA DE PNEUS, S. A.

CPICIS - COMPANHIA PORTUGUESA DE COMPUTADORES INFORMÁTICA E SISTEMAS, S. A.

FUNDAÇÃO EDP

EL CORTE INGLÉS, GRANDES ARMAZÉNS, S. A.

GALP ENERGIA, SGPS, S. A.

GLOBALSHOPS RESOURCES, SLU

GRUPO MEDIA CAPITAL, SGPS S. A.

SDC INVESTIMENTOS SGPS, S.A.

GRUPO VISABEIRA - SGPS, S. A.

III - INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS E IMOBILIÁRIOS, S. A.

LACTOGAL, S. A.

LAMEIRINHO - INDÚSTRIA TÊXTIL, S. A.

METRO DO PORTO, S. A.

MSFT - SOFTWARE PARA MICROCOMPUTADORES, LDA.

MOTA - ENGIL SGPS, S. A.

MUNICÍPIO DE MATOSINHOS

NOVO BANCO S.A.

OLINVESTE - SGPS, LDA.

PESCANOVA PORTUGAL

PHAROL, SGPS, S.A.

PORTO EDITORA, S.A.

PRICEWATERHOUSECOOPERS & ASSOCIADOS

RAR - SOCIEDADE DE CONTROLE (HOLDING), S. A.

REVIGRÉS - INDÚSTRIA DE REVESTIMENTOS DE GRÉS, S. A.

TOYOTA CAETANO PORTUGAL, S. A.

SOGRAPE VINHOS, S. A.

SOLVERDE - SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS TURÍSTICOS DA COSTA VERDE, S. A.

SOMAGUE, SGPS, S. A.

SONAE SGPS S. A.

TERTIR, TERMINAIS DE PORTUGAL, S. A.

TÊXTIL MANUEL GONÇALVES, S. A.

UNICER, BEBIDAS DE PORTUGAL, SGPS, S. A.

EMPRESAS AMIGAS DA FUNDAÇÃO

CACHAPUZ

DELOITTE

EXTERNATO RIBADOURO

GRUPO DOUROAZUL

MANVIA S. A.

NAUTILUS S. A.

SAFIRA FACILITY SERVICES S. A.

STRONG SEGURANÇA S. A.

OUTROS APOIOS

FUNDAÇÃO ADELMAN

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

RAR

NEW COFFEE

PATHENA / IZS

PRIMAVERA BSS

PATRONO DO CONCERTINO DA ORQUESTRA

SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

THYSSENKRUPP

PATRONO CHEFE DE NAÍPE TROMPETE DA ORQUESTRA

SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

LUCIOS



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

